

NIPEC

ENTREVISTA: PROF. ME. ORÁVIO DE CAMPOS SOARES

ENTREVISTA: PROF. MAG. ORÁVIO DE CAMPOS SOARES

INTERVIEW: ORÁVIO DE CAMPOS SOARES, PROF. M.Sc.

Jacqueline da Silva Deolindo¹

Orávio de Campos Soares, decano do curso de Jornalismo. Fonte: Arquivo pessoal



Jornalista, ator, dramaturgo, escritor, pesquisador em comunicação e cultura popular, professor de todos nós... Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), da Rede de Pesquisa em

¹ Editora responsável pela Revista Científica Multidisciplinar UNIFLU. Professora do curso Jornalismo do UNIFLU, onde se formou no curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo e fez especialização em Assessoria de Comunicação. Mestre e doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: jacqueline.deolindo@unilfu.edu.br.

Folkcomunicação (FOLKCOM); da Academia Campista de Letras; da Academia Pedralva Letras e Artes, da Associação de Imprensa Campista, da Associação Regional de Teatro (ARTA), do Instituto Histórico e Geográfico de Campos dos Goytacazes, um ativista engajado...

O trabalho de Orávio de Campos Soares², seja no ensino, na orientação, nas letras, na arte ou na gestão, marca a história do curso de Jornalismo do UNIFLU. Decano, é o docente que guarda nossas trajetórias, que percebe as mudanças sutis no tempo e do tempo, que vislumbra a aurora da comunicação social, seja no ambiente institucional, no que refere à sala de aula, seja no mercado, no que se refere às oportunidades e transformações... Nesta entrevista, o comunicador social formado pela antiga Faculdade de Filosofia de Campos (FAFIC), hoje UNIFLU; especialista em Jornalismo e Comunicação Integrada pela mesma instituição; mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), autor de Muata Calombo – Consciência e destruição: O olhar da imprensa sobre a cultura popular da região açucareira de Campos dos Goytacazes (2004), nos recorda a vida dos corredores mais animados da faculdade e reflete criticamente sobre o futuro do curso de Jornalismo, em seus 50 anos.

MULTIDISCIPLINAR – Campos dos Goytacazes, historicamente, desenvolveu uma importante relação com as letras, e com a imprensa em particular. Como o senhor relacionaria essa vocação da cidade e a criação do primeiro curso de jornalismo da região, um dos mais antigos do país?

ORÁVIO DE CAMPOS SOARES – A cidade de Campos dos Goytacazes, com a transferência da capital para Brasília, em 1960, integrante que fora da chamada Velha Província, sediada em Niterói, sempre teve a hegemonia de ser a capital intelectual do Estado do Rio de Janeiro. Não só pela sua história proveniente das capitanias hereditárias, mas, sobretudo, pela sua consistente postura social, política e econômica. Tínhamos/temos, por exemplo, entidades de peso, como a Academia campista de Letras, Academia Pedralva Letras e Artes, Associação de Imprensa Campista, Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia, oito corporações musicais, quatro clubes de futebol: Goytacaz, Americano, Campos AA e Rio Branco (apenas

² E-mail: oravio@bol.com.br.

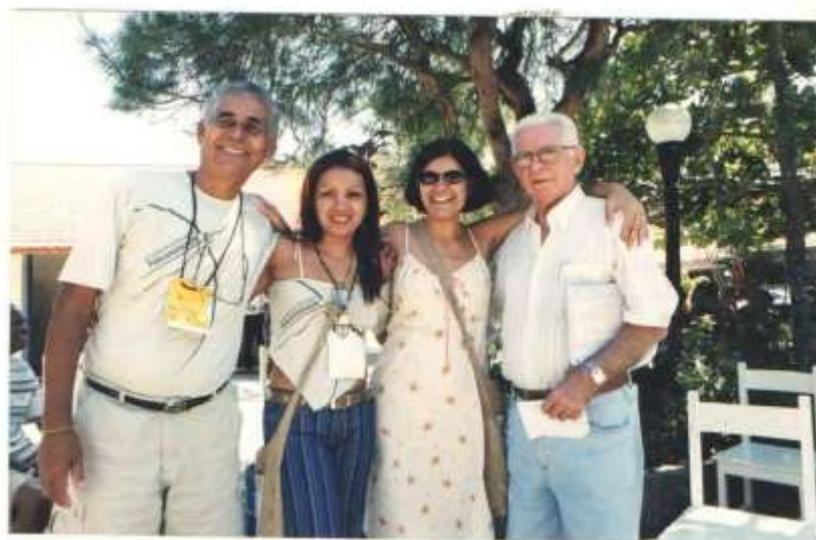
para citar alguns) e uma atividade econômica pujante por conta das usinas que, até os anos 40, constituíam nas maiores produtoras de açúcar e álcool do país. Chegamos a possuir, nas três primeiras décadas do século passado mais jornais diários, fora os semanários, do que Nova Iorque. Tivemos o Monitor Campista como o terceiro mais antigo periódico do Brasil, datado, com algumas controvérsias, de 1834, quando a antiga vila não tinha, ainda, sido elevada à categoria de cidade, o que somente ocorreu em 28 de março de 1835. Primeira cidade da América do Sul a possuir sua luz elétrica, a cidade mantinha um movimento intelectual de grande relevância, através da imprensa. No livro “**Movimento Literário em Campos**”, de Múcio da Paixão, editado em 1924, está registrado (p.11): “*Campos foi uma das primeiras terras do Brasil que teve a sua imprensa; era ainda vila quando publicou o seu primeiro periódico, o **Correio Constitucional Campista**, fundado por Antonio José da Silva Arcos, e cujo primeiro número saiu em fins do ano de 1830*”. Por isso afirma (Op.cit) que “(...) “*A primeira fase da cultura literária entre nós foi exercida no jornal e foi o grande serviço que nos prestou a imprensa. O primeiro servidor das letras que tivemos foi o jornalista (...)*. Para os interessados, um artigo nosso, publicado no “**Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**”, em 2004, está disponível em PDF 43 KB – BOCC. Também o Jornalista Teófilo Guimarães, no livro “**Subsídios para a História do Jornalismo em Campos**”, editado em 1927, considerando o grande número de jornais na cidade, pugnava pela criação de uma de uma escola de jornalismo de modo a atender às necessidades dos proprietários dos periódicos, (...) *os quais (segundo ele) poderiam ser os professores a ensinar aos futuros jornalistas as técnicas voltadas para melhorar a qualidade das inúmeras edições (...)*. O curso de Jornalismo somente foi possível na segunda metade dos anos 60, do século passado, graças aos esforços denodados dos jornalistas Hervé Salgado Rodrigues (Jornal **A Notícia**), Oswaldo Lima (**Monitor Campista**) e Dr. Mário Ferraz Sampaio (**Rádio Cultura de Campos**, a mais antiga da região, pois data de 1934), contando na época com o apoio incondicional da diretora da Faculdade de Filosofia de Campos, professora Maria Tereza Venâncio e do presidente da Fundação Cultural de Campos, Deputado Federal Alair Ferreira. Acreditamos que o curso foi um divisor de águas entre o jornalismo cultural/romântico, produzido por intelectuais, para o jornalismo profissional, que vai se consubstanciar, em 1978, com a fundação do Jornal Folha da Manhã, tendo à

frente o jornalista Aluysio Barbosa que, clarividente, preferiu montar uma equipe de repórteres com formação acadêmica.

MULTIDISCIPLINAR – Se pudéssemos falar de uma personalidade para o curso de Jornalismo da antiga Faculdade de Filosofia de Campos e agora do UNIFLU, que espírito o senhor diria que anima esse curso desde as primeiras turmas?

ORÁVIO – O Curso de Jornalismo, criado como de Comunicação Social, reeditando, na prática, um erro conceitual produzido pela Escola de Frankfurt, porque não podemos compreender comunicação sem que seja social, transformou as relações interpessoais da FAFIC, criada para ser a produtora de professores de línguas neolatinas, com especialidades em Português, Português-Espanhol, Português-Francês e Português-Inglês. Mas que, mantinha, também, cursos de História, Pedagogia e Matemática. A partir das primeiras turmas, o curso se apresentava como o mais alegre, despojado, inquietante, perquiridor e, sobretudo, instigante, como deveria/deve ser um curso em que os futuros profissionais - mercê da lógica que deve animar o pensamento crítico - precisam exercitar, sempre, suas faculdades perceptivas em busca da liberdade de expressão. Muitos foram os personagens importantes do curso, cada um laborando, com muita força e responsabilidade, em épocas específicas. Além dos fundadores, podemos destacar o trabalho profícuo de coordenadores como Dr. Mário Ferraz Sampaio, Levy de Azevedo Quaresma, Fernando da Silveira, Professora Tereza Damian, Professora Diva Marina Suppa Goulart. Acreditamos, no entanto, que o Dr. Andral Nunes Tavares foi o que mais promoveu o curso em sua dimensão pedagógica e institucional, realizando, entre outros eventos nacionais, a 6ª Conferências de Folkcomunicação e o XI Congresso Nacional dos Professores de Jornalismo, além de outros grandes eventos. Foi também o que mais lutou para a concretização do Centro de Produção Televisiva, inclusive produzindo um telejornal diário transmitido para a comunidade acadêmica na antiga FAFIC; e a instalação da Rádio FM Educativa, inaugurada em 2005. Com muito empenho, e a participação fundamental dos professores visitantes, Dr. José Wagner Ribeiro, titular da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – e Dr. Fábio lório, professor que atuava/atua na formação cultural dos cursos de jornalismo, foi possível a realização de mestrados e doutorados na área da comunicação, através

de convênio com a Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As exigências do tempo histórico abriram as portas para teóricos importantes, como Morin, Baudrillard, Maffesoli, somando aos doutos Bourdieu, Camus, Pêcheux, Bakhtin, Gramsci, Toffler, Lacan, Foucault. Althusser... (só para citar alguns). Havia uma preocupação humanista por compreender que os futuros jornalistas não teriam que ser, necessariamente, pessoas dependentes de empregos em empresas jornalísticas. Com o apoio das diretoras Zuleima Faria e Regina Sardinha, foi possível iniciar diálogos com professores da estirpe de Arlindo Machado, Emmanuel Carneiro Leão, Muniz Sodré, Dalmer Pacheco, Milton José Pinto, José Marques de Melo, Cristina Gobbi, Lúcia Santaella, Raquel Paiva, Cristina Smith, Sandra de Deus, Eugênio Bucci, Francisco Karan, José Amaral Argolo, Telênia Hill, Paulo Vaz, André Parente, Marialva Barbosa, Sônia Virginia Moreira, Iluska Coutinho... A nova geração de coordenadores, a partir do nosso trabalho, seguindo-se o de Júlio César Tinoco, da Jacqueline Deolindo e, agora, da doutoranda Simone Barreto, (todos nós ex-alunos da instituição e comprometidos com seu desenvolvimento) mostra-se disposta a dar continuidade à grandeza do curso que, pela sua importância, deveria ser registrado como patrimônio histórico imaterial da cidade, com a qual contribuí para sua permanência no lugar de destaque dentre as cidades fluminenses.



Orávio, à esquerda, com a secretária do curso de Comunicação, Manoela Vieira, a Profa. Samara Marques e o Prof. Andral Tavares, em 2003, na 6a. Folkcom, em São João da Barra. Acervo pessoal de Manoela Vieira

MULTIDISCIPLINAR – Ao longo do tempo e através das pessoas nele envolvidas, o curso construiu relações com as instituições e empresas da cidade, seja através de

parcerias, convênios ou relações de serviços. Essas trocas foram orientadas por que valores?

ORÁVIO – O curso era, e ainda é, uma referência de qualidade em toda região norte e noroeste fluminense. É o quinto mais antigo curso do país e foi (e ainda é) responsável pela formação de profissionais, que hoje estão espalhados por todos estados brasileiros e, alguns, no exterior. E fazendo sucesso, o que é mais importante. Para consolidar o projeto pedagógico do curso, foram mantidas parcerias interessantes e de aprofundamento didático-pedagógico, com os jornais impressos, com exceção de **A Notícia** (no período pós-Hervé), emissoras de rádio e de televisão. A prática apreendida nas empresas, com algumas ressalvas, foi/é importante para o aprimoramento do ensino-aprendizagem. Também empresas educacionais e industriais – como a UENF e a FIRJAM - contribuíram/contribuem para o enriquecimento dos alunos, e não podemos deixar de destacar os estágios oferecidos pela municipalidade, muito embora a questão da assessoria de imprensa seja, ainda, felizmente, objeto de discussão entre educadores reunidos em torno da Sociedade Brasileiro de Professores de Jornalismo, em virtude de posições ideológicas que permeiam a profissão e suas inúmeras singularidades. Expressivos foram os convênios com as empresas estatais de fomento FENORTE e TECNORTE, que nos deram apoio não só para a manutenção do centro de produção em televisão, como também financiando pesquisas e viagens elaboradas e realizadas pelo Núcleo de Iniciação à Pesquisa em Comunicação – NIPEC -, cuja área de interessa continua a ser a de cultura popular e sociologia da cultura, como bem definiu o professor Muniz Sodré, catedrático com atuação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por exemplo: a questão da pesquisa jongueira, como ganga oriunda dos batuques das senzalas, começou no núcleo e se expandiu por outras esferas acadêmicas, mas foi graças à Cia. Gente de Teatro, um grupo situado no Parque Leopoldina (dirigido pela pedagoga Neusimar da Hora), área urbana em que a Faculdade se inseria/insere, que deu vida aos trabalhos de dimensão e características teóricas e metodológicas. Em razão de estudos sociológicos nas comunidades da Baleeira e Oriente, nossos vizinhos, através do teatro conseguimos escrever e montar a peça “**Favela ponto 5**”, prêmio maior do Festival de Arcozelo em 1991. Tudo começou com uma palestra sobre Direito Insurgente proferida pelo

hoje pranteado Dr. Luiz Duboc Pinaud, no auditório da Faculdade de Direito de Campos. Após ter assistido, escrevemos o texto e propusemos sua encenação com o grupo de Teatro. Pela primeira vez o povo da Baleeira teve voz na literatura da cidade.

Orávio, à esquerda, na fileira de trás, posa com o grupo de dança folclórica durante evento de cultura popular promovido por disciplina homônima por ele ministrada no 1º. Período de Jornalismo do UNIFLU.

Fonte: Acervo de Toquinho Capoeira (2018)

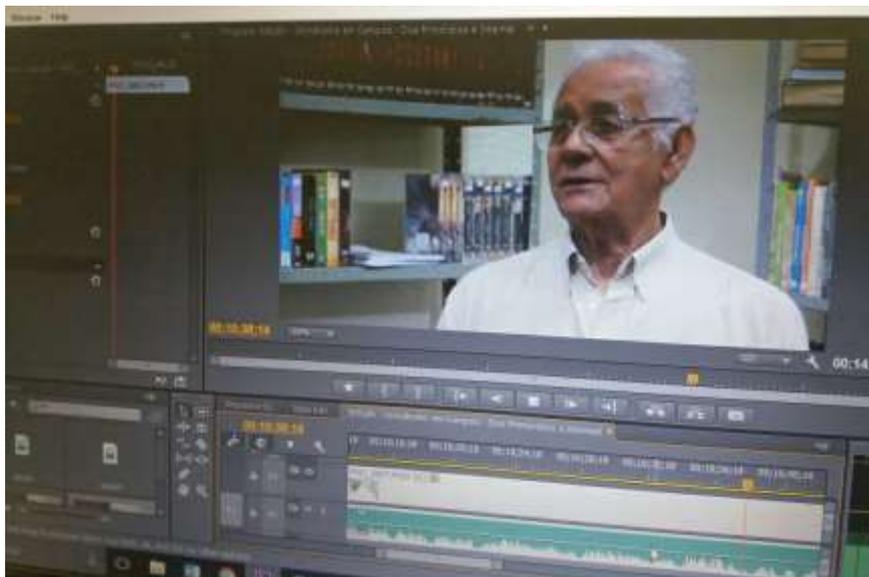


MULTIDISCIPLINAR – Haveria um pensamento em comum sobre a atividade e a formação de novos profissionais entre os coordenadores do curso de Jornalismo, que se sucederam ao longo dessas décadas? O que eles procuram preservar e o que eles perseguem?

ORÁVIO - Cada um (repetimos) no seu tempo. A questão mais comum é da apropriação das novas tecnologias para que o curso permaneça sempre rejuvenescido e não se preste a repetir “*velhas opiniões formadas sobre tudo*”. Assim como, nos anos 70, a questão era a máquina de escrever; nos anos 80 passou a ser a possibilidade do computador e da comunicação internetiana, (além de se redescobrir que McLuhan nunca foi americano e sim canadense). Quando aconteceu, não causou nenhuma surpresa porque estávamos preparados para o novo discurso e seus enfrentamentos. A INTERCOM lançou um livro profético, em 1978, com o título “**Novas Tecnologias de Comunicação**”, da Dra. Ana Maria Fadul. Foi imediatamente adotado pelo curso e, ainda hoje, se alguém ler, com certa

acuidade, o que nos dizia/diz a ilustre professora, vamos entender que as suas observações estão com cheiro gostoso de atualidade. Nesse sentido, o trabalho dela é superior aos achismos que preponderam na decantada Escola de Frankfurt. Hodiernamente, os coordenadores estiveram/estão preocupados com o aprimoramento das linguagens internetianas, com as redes sociais e seus infinitos aplicativos, com o caminho, sem volta, dos impressos para os registros on-line e as mudanças dos costumes com relação aos novos condimentos comunicacionais. O que tememos, no entanto, é que com a assunção de meios tecnológicos, por causa de sua celeridade, a gente se afaste da realidade humanística que sempre eivou os projetos pedagógicos do curso. A gente pode estar assumindo a formação de jornalistas tecnicistas em detrimento dos valores humanizantes, principalmente no momento em que, filosoficamente, quando mais penetramos nos meandros das disposições comunicológicas mais nos esquecemos de que, no circuito do ciberespaço – lugar para onde convergem todas as tendências da pós-modernidade - ainda ocorrem acontecimentos bárbaros, isso em pleno século da preponderância dos alicerces da civilização, como nos alertam os novos semânticos e retóricos, como Le Goff, Chomsky, Polanyi... Pensamos que no afã de buscar as coisas mais modernas, às vezes nos esquecemos da experiência e das bases que alimentam (ou teriam de alimentar) os discursos atuais. Com isso corremos o risco de perder a nossa identidade. Quando nos desfazemos de ideias históricas passamos a produzir discursos históricos sem que haja a percepção de que isolando o outro estamos nos isolando e isso maleficia o que pretendemos construir. Nem sempre o tempo biológico é pernicioso às novas ideias. Muito pelo contrário. Por exemplo: estamos preocupados, como comunicadores, com o momento pós-pandemia. Haverá mudanças nas relações sociais e os discursos da pós-modernidade poderão estar com as teorias vencidas pela nova ordem do que se nos avizinha. No pós-febre amarela, que dizimou parte da sociedade no mundo, as cidades, sob a égide do desenvolvimento social e econômico, foram mais criativas. No Rio de Janeiro o projeto Pereira Passos (1904) reconstruiu o centro da cidade e a preparou para o futuro. Em Campos, aproveitando a grande enchente de 1906, a lucidez do projeto do sanitarista Saturnino de Brito construiu uma nova cidade e deu o contorno urbanístico do centro histórico, com seus prédios desenhados pelo ecletismo daquela época. Não é com satisfação que assistimos as memórias tecnicistas se

apoderarem do *ethos* humanístico que tiveram ênfase nos bons tempos do preclaro professor Fernando da Silveira. Esperamos, para que a crítica não seja em vão, que estejamos enganados porque nossos olhos não conseguem visualizar a realidade vista neste agora tão confuso.



Orávio: “A gente pode estar assumindo a formação de jornalistas tecnicistas em detrimento dos valores humanizantes”. Fonte: Acervo Jhonattan Reis (2017)

MULTIDISCIPLINAR – Uma das características dos cursos de Jornalismo, em geral, é a oferta de ensino laboratorial. Como os nossos foram pensados e qual a importância deles na formação dos nossos alunos?

ORÁVIO – Já falamos sobre isso. As principais mudanças aconteceram na administração do Dr. Andral e, juntos, porque era o seu subcoordenador, tivemos muitas dificuldades para manter o ritual de modernização do curso. Criar laboratórios com computadores, Centros de produção em TV, Centro de Produção Radiofônica, compra de livros recém-lançados nos congressos da INTERCOM, estímulo para professores e alunos apresentarem trabalhos nessas organizações nacionais e internacionais, convite de professores afamados para estarem conosco em tempo de congressos e seminários. Enfim, uma série de providências com o objetivo de conseguir as máquinas e, depois, fazer a consonância de seus alvares modernos com o pensamento dos técnicos e professores. Sempre pensávamos/pensamos: Para que serve a tecnologia se não modernizamos o pensamento das pessoas com relação às mudanças necessárias à construção do futuro? Cremos ser o desafio de

nosso tempo. Depois da inteligência artificial de que nos fala Pierre Lévy, o mundo passou a viver o artificialismo como uma tônica da pós-modernidade, como nos confirma Guy Debord, na sua obra “**A Sociedade do Espetáculo**”. Ler livros, privilégio de alguns, passou a ser uma tortura para os viciados nas novas tecnologias que, na maioria das vezes, usam-nas para deleite das coisas banais e do hedonismo. A gente fica imaginando na hipótese de uma explosão do sistema de informática, a partir da destruição da constelação de satélites espalhada pela crosta do planeta. Espera-se que não aconteça, pois se acontecer vai pegar todos de surpresa de se reconhecer analfabeto no limiar de um novo mundo, no qual vamos precisar (re) começar. Tudo outra vez...

MULTISCIPLINAR – O jornalismo em geral é visto como uma atividade técnica. No entanto, a pesquisa no campo maior da comunicação tem crescido e se destacado em todo o mundo. Em que momento a iniciação científica começou a fazer parte das preocupações do curso de Jornalismo do UNIFLU?

ORÁVIO – Vemos em tudo isso uma enorme contradição. Feliz contradição, uma vez que a “*atividade técnica*” não pode dispensar a atividade intelectual. Mesmo com o projeto pedagógico voltado para o tecnicismo, há a oferta de oportunidade para se ampliar o conhecimento através das pesquisas. Em jornalismo a atividade é nova e em estado de aperfeiçoamento, como nos assegura José Marques de Melo. Isso (re) valoriza as humanidades, por paradoxal que pareça, mas nos causa alegria, porque, lá na frente, a gente vai compreender que o jornalismo, além de sua função precípua de informar é, também, produtora de conhecimento. A pesquisa, ao descobrir coisas inéditas, retroalimenta o sistema do ensino e nos faz avançar em busca de novas ideias. Em 1997, iniciamos o advento dos projetos experimentais e, lógico, a ação inexistiria sem os princípios das pesquisas, embora em seu estado ainda incipiente. Depois avançamos, um pouco, mas ainda sem os princípios desejados (ou suficientes?). Com a criação do Núcleo de Iniciação à Pesquisa Científica em Comunicação, através do qual conseguimos realizar, empiricamente, muitas produções de inéditos saberes no campo da sociologia da cultura. cremos que, todavia, cerca de duas décadas depois, a ideia da pesquisa, verdadeiramente científica, se consolida com a administração da coordenadora Jacqueline Deolindo,

fruto de seu aprendizado no doutorado em jornalismo na Universidade do Rio de Janeiro – UERJ. De repente, passa-se a perceber, com raras exceções, que os alunos gostam de pesquisar, porquanto recuperam, antropologicamente, o espírito curioso e a vontade incoercível de aprender tudo aquilo que faz parte do imaginário social. E histórico...

MULTIDISCIPLINAR - Como o senhor definiria o NIPEC em sua relação com o curso de Jornalismo hoje e que planos o senhor tem/enxerga para o Núcleo, enquanto seu líder?

ORÁVIO – O NIPEC hoje vale mais pelo seu valor histórico e sua criação não se deu para ser liderado por ninguém, mas por todos os professores comprometidos com o desenvolvimento das ciências sociais no curso de Jornalismo. Mas sua gênese é interessante. Conhecemos, pessoalmente, o Dr. José Marques de Melo (1943-2018) durante um Congresso Internacional de Jornalistas, promovido pela Fundação Fulbright, de origem norte-americana, realizado no Rio de Janeiro, em 1987. A coordenadora da época, Professora Diva Goulart, que fora convidada, indicou-nos para participar do importante evento, durante quatro dias, representando nosso (naquela época) Curso de Comunicação Social. Regressamos com a bagagem apinhada de livros e ideias e, também, de algumas evoluções científicas do professor Marques de Melo, já naquele tempo titular no Brasil da Cátedra da UNESCO, além de professor emérito da Universidade de São Paulo. Nunca me esqueci: “*Sem pesquisa a gente acaba repetindo os discursos de um ensino ruim e que tem por única proposta piorar*”. Conhecer e privar da amizade do ilustre professor foi muito especial. Além da leitura de seus livros, participação anual nos congressos da INTERCOM e da FOLKCOM, bebemos de seu talento e tirocínio durante anos e chegamos a ser brindados com um programa do curso de jornalismo da ECO-USP, devidamente adaptado à nossa realidade na última década do século findo. E também a indicação do que deveríamos fazer para enriquecer os conteúdos do nosso curso, aconselhando-nos a criar um núcleo de pesquisa voltado para a sociologia da cultura, após ouvir de nós parte significativa da história de Campos dos Goytacazes. Isso ocorreu, oficiosamente, em 2001, tendo como base a arqueologia cultural em toda sua dimensão, mas com olhar especial depositado sobre o Jongo, a

Folia de Reis, a Mana Chica do Caboio e os Bois Pintadinhos, mas com perspectivas ambiciosas de entrar no mundo dos fazeres e dos saberes ainda encontrados no imaginário popular. Durante anos, fizemos, com os alunos, várias pesquisas. A primeira, sempre a nos oferecer um prazer especial, intitulamos: “Reminiscências Culturais dos Aceiros de Cana da Baixada Campista”. Conseguimos a adesão dos alunos: Andresa Alcoforado, Marco Antonio Feliciano, Michele Barros, Paulo Ourives, Priscila Gonçalves, Raquel Correia e Rosália Moreira dos Santos. A pesquisa, sobre a sociolinguística da Baixada durou, inclusive as pesquisas de campo, de 2001 a 2003 e nos rendeu mais de 150 laudas de um trabalho que carece, ainda hoje, de publicação. Além da linguagem muxuanga, segundo conceito do escritor Alberto Ribeiro Lamego, recolhemos material importante dos antigos versejadores da chamada Baixada da Égua e chegamos até as divisas com São João da Barra. Ao longo dos anos, realizamos, também, “**Os Milagres de Santo Amaro**” (Apresentada no Folkcom de Teresina); “**Chuvisco: De Portugal para Campos, adoçando a boca do Brasil**” (aluno: Paulo Ourives); “**Os milagres de Santo Antonio casamenteiro**” (aluno Paulo Ourives); “**Mensagens eróticas de banheiro**”, (aluno; Daniel Sagrilo, 2º lugar nacional, na Folkcom de Lajeado, RS, em 2003; “**Conhaque de São João da Barra: O Conhaque do Milagre**”, (alunos Wilson Heidenfelder, Andresa Alcoforado e Carolina Benevides Calheiros); “**As Folias de Reis de São Fidélis**” (Alunos: Marco Antonio Feliciano, Nelzimar Lacerda, Paula Moraes Pastana, Paulo Barreto de Abreu e Sérgio Tanure); “**Recuperação Histórica da Obras de Zé Gamela**”. (Alunos: Mayra Barros, Maria Lucia Bittencourt, Armando Ribeiro, Paulo Ourives e Ana Luiza Ritter); “**Carnaval de Congos e Chinês**”, (alunos: Wilson Heidenfelder, Andresa Alcoforado, Carolina Benevides Calheiros); “**Recuperação do Jornal Folha do Povo**”, (aluna: Ingrid Figueiredo). Outras pesquisas foram realizadas, com destaque para “**Quilombolas de Deserto Feliz**”, com a participação do fotógrafo Wellington Cordeiro; “**Quilombolas de Barrinha**”, em São Francisco do Itabapoana”; “**Quilombolas de Conceição do Imbé, Aleluia, Cambucá e Alegria**”, no Baixo Imbé; “**Caminhos do Barro**”, em São Sebastião, em apoio a projeto da UENF. Como legado da produção audiovisual, possuímos os documentários: “**Baobá da Fazenda Machadinho**”, “**A religiosidade afrodescendente da comunidade de Machadinho**”, em Quissamã”, “**Solar da Baronesa**”, convênio da Academia Campista de Letras, na gestão da Dra.

Arlete Sendra; **“Histórico do Colégio Agrícola”**; **“Encontros de Jongueiros de Barrinha”** (Três CDS); **“Magias e Mistérios nos Manguezais de Gargaú”**; **“12º Encontro de Jongueiros, de Piquete, SP”**; **“Sítio Saudade em Estado de Agonia”**, sobre a casa onde nasceu o embaixador Jayme de Barros, em Goytacazes; **“Memórias do Carnaval”**, (Três CDS). Pelo que podemos observar, a produção foi muito rica e feita, quase que exclusivamente, com apoio de entidades particulares. Pouco custou à Universidade a produção de tantas pesquisas, sobre as quais poderíamos falar muito mais. O futuro do Núcleo? Pensamos que poderia ser (re) posto no seu lugar de importância pela Universidade, através de um grande projeto com parcerias...



O professor recebe homenagem dos alunos, representados por Marília Balbi, no evento que batizou o NIPEC Prof. Me. Orávio de Campos Soares, em reconhecimento do seu fundamental incentivo à iniciação científica e à pesquisa no curso de Jornalismo.

Fonte: Acervo NIPEC (2018).

MULTIDISCIPLINAR – O Curso de Jornalismo, Curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, novamente curso de Jornalismo. Enquanto decano, como o senhor analisa a trajetória do curso de Jornalismo do UNIFLU e que vislumbre o senhor teria do futuro

dele? Quais são seus desafios mais urgentes e que competências fundamentais ele deveria desenvolver?

ORÁVIO - A universidade deveria apostar mais na potencialidade do curso e até mesmo ajudar na luta pelo reconhecimento do diploma para o exercício da profissão. Se o curso não fosse bom e tradicionalmente composto em função do enriquecimento intelectual de seus alunos, não teria suportado, como outros não suportaram, a pressão do poder instituído para, ideologicamente, destruí-lo. São mais de 50 anos e só as grandes criações duram tanto tempo. O desafio é de todos: reitores, diretores, coordenadores, professores, alunos, egressos e a sociedade como um todo. Pedagogicamente, deveria conter (como contém) disciplinas técnicas importantes, laboratórios com equipamentos atualizados e um combo de especializações, no qual não falte uma ampla discussão sobre as humanidades e incentivo institucional para as pesquisas. Não podemos perder de vista as experiências, pois, sem as quais fica difícil construir alguma coisa para o futuro. Sem base histórica não se constrói o futuro.



Formador de muitas gerações de jornalistas, Orávio celebra com turma recém-graduada. Fonte: Acervo Raphael Lopes (2018)

MULTIDISCIPLINAR – A mídia local é alimentada pelos profissionais que aqui se formam. O senhor diria que hoje entregamos que perfil de jornalistas para esse

serviço público tão importante? Em contrapartida, que mercado entregamos aos nossos egressos?

ORÁVIO – A mídia local, além de seus interesses, nunca foi parceira na formação de profissionais jornalistas, com raríssimas exceções. As empresas estão mais interessadas nos estagiários e, no presente, não são muitos (pois deveria ser muito mais) os profissionais engajados no campo de trabalho. Tanto que, originalmente, o curso, através de um programa pedagógico mais consistente, e não tão subjetivo como agora, privilegiava (e devia privilegiar) a formação para as assessorias de comunicação, consultorias técnicas, pesquisadores, escritores, poetas, artistas de todos os gêneros, âncoras, locutores, criadores gráficos, cinegrafistas, mestres de cerimônia e até mesmo professores de áreas específicas de conhecimento. A insistência em formar jornalistas para este mercado perverso é condenar os profissionais (nem todos, felizmente) às agruras produzidas pelos desajustes salariais próprias do capitalismo selvagem. Pessoalmente, só tenho a augurar, apesar dos pesares, que o Curso de jornalismo se perpetue. Para sempre...